



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEFPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

## A LITERATURA INFANTIL E O PROTAGONISMO DA/S CRIANÇA/S NEGRAS E SUA/S INFÂNCIA/S: O INÍCIO DE MUITAS E TANTAS HISTÓRIAS A CONTAR

### CHILDREN'S LITERATURE AND THE PROTAGONISM OF BLACK CHILDREN AND THEIR CHILDHOOD: THE BEGINNING OF MANY, MANY STORIES TO TELL

Lany Pereira da Silva<sup>1</sup>  
Janaina Nogueira Maia Carvalho<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo destaca a importância da literatura infantil com protagonistas negros para fortalecer a representatividade e a autoestima de crianças pretas e pardas. A literatura infantil brasileira, historicamente centrada em uma perspectiva branca, perpetua a invisibilidade de personagens negros. Com base nas reflexões de Gomes, Munanga e Ramos, analisa-se o impacto de obras que apresentam o protagonismo negro na educação. Apesar dos avanços, a inclusão dessas narrativas ainda se mostra insuficiente para a implementação de práticas pedagógicas antirracistas, em virtude de um currículo escolar excludente. O estudo enfatiza a relevância de livros que promovam representações positivas de personagens negros, os quais são essenciais no combate ao racismo estrutural. Além disso, aborda os desafios enfrentados na introdução dessas narrativas, como o silenciamento de saberes alternativos e a necessidade de uma seleção criteriosa de obras representativas.

**Palavras-chave:** Currículo antirracista. Literatura infantil. Crianças pretas e pardas.

#### ABSTRACT

This article highlights the importance of children's literature with black protagonists to strengthen the representation and self-esteem of black and brown children. Brazilian children's literature, historically centered on a white perspective, perpetuates the invisibility of black characters. Based on the reflections of Gomes, Munanga and Ramos, the impact of works that present black protagonism in education is analyzed. Despite advances, the inclusion of these narratives is still insufficient for the implementation of anti-racist pedagogical practices, due to an exclusionary school curriculum. The study emphasizes the relevance of books that promote positive representations of black characters, which are essential in combating structural racism. Furthermore, it addresses the challenges faced in introducing these narratives, such as the silencing of alternative knowledge and the need for a careful selection of representative works.

**Keywords:** : Anti-racist curriculum. Children's literature. Black and brown children.

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela FaE-UFMG - [lanysilva@semed.betim.mg.gov.br](mailto:lanysilva@semed.betim.mg.gov.br)

<sup>2</sup> Professora efetiva na UFMS, campus de Aquidauana/CPAQ - [janaina.maia@ufms.br](mailto:janaina.maia@ufms.br)



## 1. INTRODUÇÃO

A concepção de criança e infância evoluiu significativamente ao longo dos séculos, refletindo as mudanças culturais, sociais e científicas ocorridas. Historicamente, a percepção sobre o que significa ser criança e como deve ser a infância variou conforme as necessidades econômicas, os avanços na psicologia e as transformações nas estruturas familiares e sociais. Dessa forma, essas transformações ao longo do tempo refletem diferentes períodos históricos e contextos culturais que moldaram as concepções de infância.

Na contemporaneidade, a literatura desempenha um papel crucial na formação das identidades infantis, ao oferecer acesso a símbolos e representações sociais. No entanto, muitas vezes, as crianças negras não se veem refletidas nas histórias, uma vez que a maioria dos livros infantis ainda é dominada por perspectivas eurocêntricas, em que o protagonismo é predominantemente branco, favorecendo apenas aquelas crianças que se identificam com essa etnia.

Diante desse cenário, é essencial que as escolas, especialmente as públicas, desenvolvam uma pedagogia antirracista para garantir que todos os estudantes, negros e não-negros, se sintam acolhidos e representados. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, 56% da população brasileira se declara negra, o que reforça a necessidade de uma pedagogia que dialogue com a maioria dos estudantes pretos e pardos que frequentam as escolas.

Além disso, os dados indicam que crianças negras enfrentam maiores dificuldades no processo de ensino-aprendizado em comparação com crianças brancas (Censo Escolar/MEC-2020). Esse desafio poderia ser mitigado se as crianças negras fossem incentivadas a desenvolver uma autoestima positiva por meio de ações pedagógicas que cumpram a Lei 11.645/08<sup>3</sup>, que estabelece a obrigatoriedade do estudo da história, literatura e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas na Educação Básica.

Dessa forma, a inclusão de literatura com protagonismo negro na educação infantil não apenas atende a essas leis, mas também apoia o processo de escolarização das crianças negras, proporcionando uma representação positiva, além de possibilitar a problematização de estereótipos racistas.

Esses fatores são essenciais para fortalecer a autoestima das crianças negras e promover

---

<sup>3</sup> Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 11 de nov. de 2024.  
**Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.**  
**Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024**



o respeito pela diversidade entre as crianças brancas, uma vez que pesquisadores, como Gomes (2004), apontam que o racismo na educação infantil contribui para o fracasso escolar das crianças pretas e pardas. Portanto, livros infantis com protagonistas negros, quando bem escolhidos e utilizados, podem ser poderosos aliados na luta antirracista, permitindo que as crianças, desde cedo, vejam personagens negros em diversos papéis na literatura infantil.

O presente texto tem como objetivo principal analisar o papel e a importância da literatura infantil com protagonismo negro na educação de crianças pretas e pardas. Como objetivos específicos, busca-se: compreender a relevância da literatura no universo infantil; conhecer os conceitos de infância ao longo da história, com ênfase nas infâncias no Brasil e nas infâncias negras; identificar fatores que dificultam a presença de protagonismo negro nas escolas; e analisar criticamente o livro infantil *Betina*, de Nilma Lino Gomes, presente no acervo de uma escola municipal em Juatuba-MG. Para tanto, será realizada uma revisão de literatura combinada com um estudo crítico literário.

Por fim, este artigo está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, são abordadas as concepções de infância desde a Antiguidade até os dias atuais, além do conceito de infância no Brasil e a infância negra; no capítulo 3, discute-se como é possível perceber o protagonismo dessas crianças em livros infantis; no capítulo 4, explora-se a literatura infantil com protagonismo negro em prol de uma educação antirracista; e, finalmente, no capítulo 5, analisa-se o livro infantil *Betina*, de Nilma Lino Gomes. A metodologia adotada para a pesquisa consistiu na revisão de literatura combinada com um estudo crítico de um livro infantil com protagonismo negro.

## 2. CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E INFÂNCIA AO LONGO DO TEMPO

Na Antiguidade, a concepção de infância era substancialmente diferente da que temos atualmente, pois, em muitas sociedades antigas, como na Grécia e em Roma, as crianças eram vistas essencialmente como "adultos em miniatura". Dessa forma, eram rapidamente integradas ao mundo adulto, assumindo responsabilidades no trabalho e nas tarefas familiares, uma vez que a infância não possuía uma identidade própria (Ariès, 1962).

Durante a Idade Média, não houve grande alteração na visão sobre a infância, a qual continuava sendo marcada pela ideia da utilidade das crianças. Muitas vezes, elas eram vistas como pequenos adultos e treinadas para assumir papéis de adultos assim que possível. O trabalho infantil era comum, e a vida das crianças estava fortemente vinculada às necessidades econômicas das famílias (Demaussé, L., 1974).



O Renascimento e o Século XVII trouxeram mudanças nas percepções sobre a infância, começando a emergir a ideia de que ela representava uma fase especial e distinta na vida dos seres humanos. Filósofos como John Locke e Jean-Jacques Rousseau foram pioneiros nessa transformação, ao enfatizarem a importância da educação e da formação moral da criança (Locke, 1693; Rousseau, 1762).

No Século XIX, com o advento da Revolução Industrial, surgiram novas visões sobre a infância, impulsionadas pelas mudanças nas condições de trabalho e nas estruturas familiares. A exploração infantil nas fábricas e a crescente necessidade de uma educação formal para as crianças passaram a ganhar destaque. Como consequência da exploração infantil, o conceito de infância como uma fase protegida e educada foi reforçado, sendo impulsionado por reformas sociais e educacionais (Mayhew, 1851).

Já no Século XX, as teorias psicológicas e educacionais começaram a influenciar profundamente as concepções de infância. Psicólogos como Sigmund Freud e Jean Piaget ofereceram novas perspectivas sobre o desenvolvimento infantil, enquanto movimentos sociais e políticas públicas passaram a defender direitos específicos para as crianças (Freud, 1905; Piaget, 1952).

Atualmente, a concepção de infância é marcada pela valorização dos direitos da criança, com ênfase na proteção, educação e desenvolvimento integral. Convenções internacionais, como a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, têm influenciado políticas e práticas, promovendo uma visão da infância como uma fase fundamental para o desenvolvimento humano (United Nations, 1989).

## **2.1. Concepções de Infância no Brasil**

A concepção de criança e infância no Brasil evoluiu de maneira significativa ao longo dos séculos, refletindo transformações sociais, políticas e culturais. Além disso, a forma como a infância é entendida e abordada tem sido moldada por influências históricas e pelos avanços nos campos da educação, sociologia e psicologia.

Durante o período colonial e o Império, por seguir as concepções de infância europeias, a infância no Brasil era vista de maneira pragmática, pois a visão sobre a infância estava fortemente influenciada pelas necessidades econômicas e pelas condições sociais da época. Assim, as crianças eram frequentemente integradas ao trabalho familiar e às atividades econômicas desde cedo (Assunção, 2015).



No final do século XIX e início do século XX, acompanhando as tendências europeias, a concepção de infância no Brasil começou a mudar com a introdução de ideias modernas sobre educação e desenvolvimento infantil. A pedagogia e a psicologia passaram a influenciar as políticas educacionais, promovendo uma visão mais estruturada e formal da infância (Gohn, 2012; Nascimento, 1999).

No século XX, o Brasil passou a integrar as teorias psicológicas e pedagógicas no entendimento da infância. Autores brasileiros começaram a desenvolver abordagens próprias, baseadas em teorias estrangeiras, mas adaptadas ao contexto brasileiro (Vygotsky, 1984; Fernandes, 2001).

A partir da segunda metade do século XX e início do século XXI, o Brasil passou a adotar políticas públicas voltadas à proteção e ao desenvolvimento integral das crianças. A Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) são marcos importantes na definição dos direitos da infância (Silva, 2007; Mello, 2012).

Atualmente, as concepções de infância no Brasil são marcadas por um foco no desenvolvimento integral e nos direitos da criança. No entanto, ainda persistem desafios relacionados à desigualdade social, à qualidade da educação e à implementação efetiva das políticas públicas (Mazzotta, 2019).

## **2.2. Ao longo do tempo, como se deu a história de crianças negras e suas infâncias?**

A história das crianças negras e suas infâncias no Brasil é marcada por um conjunto de experiências distintas e frequentemente marginalizadas, refletindo a complexa dinâmica racial e social do país. Desde o período colonial até os dias atuais, a vivência da infância negra no Brasil tem sido influenciada por fatores históricos, econômicos e culturais que moldaram, e ainda moldam, as condições de vida dessas crianças.

Durante o período colonial e o Império, as crianças negras eram, em sua maioria, escravizadas, e suas infâncias eram profundamente afetadas pela brutalidade do sistema escravagista. A vida dessas crianças era marcada por trabalho forçado, privação e desumanização. Mesmo nas raras situações em que a infância negra era reconhecida, a perspectiva predominante era a de exploração e marginalização (Valentim, 1990).

Com a abolição da escravidão em 1888, as crianças negras passaram a enfrentar novas formas de marginalização, uma vez que a ausência de políticas públicas específicas e a persistência das desigualdades estruturais perpetuaram a exclusão social e econômica. Além disso, a transformação social não trouxe mudanças significativas na vida cotidiana das crianças



negras, que continuaram a enfrentar dificuldades relacionadas à pobreza e à falta de acesso à educação e à saúde (Munanga, 1986; Reis, 2003).

No século XX, o ativismo e os movimentos sociais começaram a conquistar avanços na visibilidade e na defesa dos direitos das crianças negras. A luta pelos direitos civis e a afirmação das identidades negras contribuíram para uma crescente conscientização sobre a necessidade de políticas públicas que abordassem as desigualdades raciais. No entanto, os avanços ainda eram limitados, e a desigualdade em relação às crianças negras persistia (Silva, 2009; Lopes, 2011).

A partir dos anos 2000, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a implementação de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial, houve um avanço significativo na proteção e promoção dos direitos das crianças negras. A introdução da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, refletiu um esforço para abordar a desigualdade racial desde a educação básica (Silva, 2013; Araújo, 2015).

Apesar dos avanços nas últimas décadas, as crianças negras no Brasil ainda enfrentam desafios significativos, incluindo desigualdade no acesso à educação, à saúde e à segurança. A persistência de estereótipos e discriminação racial continua a impactar negativamente a qualidade de vida e as oportunidades disponíveis para essas crianças, o que demonstra a necessidade contínua de monitorar e implementar políticas eficazes que abordem essas questões e promovam a equidade racial de forma mais abrangente (Ribeiro, 2017; Souza, 2020).

### **3. COMO É POSSIVEL PERCEBER O PROTAGONISMO NEGRO DE CRIANÇAS EM LIVROS INFANTIS?**

A presença de crianças negras como protagonistas em livros infantis é um tema relevante que vem sendo amplamente discutido por diversos intelectuais brasileiros, como Munanga (2008), Gomes (2023) e Santana (2018). Esses estudiosos analisam como essas narrativas podem contribuir para o fortalecimento da identidade e da autoafirmação das crianças negras, uma vez que suas infâncias são marcadas pela interseccionalidade, em que raça, classe, gênero e território se entrecruzam para moldar diferentes formas de ser criança (Gomes, 2023).

Nesse contexto, é fundamental abordar o protagonismo negro na literatura infantil, levando em consideração o conceito de interseccionalidade entre raça e gênero. Isso se torna especialmente importante ao observar que as crianças negras do gênero feminino são tratadas de maneira distinta em relação às crianças negras do gênero masculino, já que, para as meninas





negras, o machismo e a misoginia estruturais se somam de forma impiedosa ao racismo estrutural (Gonzalez, 1988).

Dessa maneira, uma literatura infantil que contemple o protagonismo negro e reflita a diversidade racial e cultural do Brasil impacta diretamente a autoestima e o sentimento de protagonismo das crianças negras (Gomes, 2012). Além disso, tal literatura funciona como uma ferramenta de empoderamento, ao promover narrativas que colocam as crianças negras no centro de suas próprias histórias (Almeida, 2015; Gouveia, 2006).

Na perspectiva de inclusão da criança negra, autores como Ruth Rocha criaram personagens negros em papéis de destaque em algumas de suas obras, abordando questões raciais de forma acessível e educativa. Exemplos disso são os livros *Amigo do Rei*, que narra a história de Matias, um menino que luta pela liberdade e pela libertação de seus companheiros, e *O Mundo das Crianças Negras: Uma Reflexão sobre a Inclusão*, no qual Ruth Rocha aborda a importância de ressignificar a imagem do negro, transpondo os modelos tradicionais dominantes.

Figura 1- Livro "O Amigo do Rei".



Fonte: Google imagens

Como se pode observar, a presença de protagonistas negros em narrativas infantis é crucial para combater estereótipos racistas e promover uma visão positiva sobre a infância negra. Essa representação não apenas fortalece a construção da identidade e da autoestima de crianças negras, mas também as conecta às suas raízes culturais africanas e afro-brasileiras. Ao abordar as experiências e vivências do povo negro, muitas dessas obras exaltam a luta e a resistência histórica, permitindo que as crianças se vejam como agentes de mudança, inspirando-se em exemplos de força e superação (Munanga, 1996).

Assim, as diversas vivências das crianças negras tornam-se fundamentais para refletir sobre como e quando elas aprendem, especialmente por meio da literatura infantil com protagonismo negro. Partindo da premissa de que cada infância é única e diretamente influenciada por fatores como o ambiente familiar, social e cultural, a representação dessas



experiências na literatura revela-se ainda mais relevante (Gomes, 2012). Dessa forma, a literatura que apresenta protagonistas negros desempenha um papel essencial ao retratar essas diferentes realidades, permitindo que as crianças se identifiquem com as histórias e os personagens. Além disso, a representatividade nas narrativas contribui para construir uma visão mais ampla do mundo, desconstruindo estereótipos racistas e promovendo a valorização da identidade racial e cultural (Ramos, 2021).

Esse processo de aprendizado é, portanto, crucial para o desenvolvimento da autoestima e da consciência social das crianças, possibilitando que elas se enxerguem como protagonistas de suas próprias histórias e como agentes de transformação (Gomes, 2012).

### **3.1. Muitas histórias a contar: A relação teoria e prática para pensarmos a participação infantil da criança negra na atualidade**

A discussão sobre a participação infantil e a valorização das infâncias negras no Brasil envolve uma conexão essencial entre a teoria e a prática, visto que as crianças negras estão inseridas em uma sociedade historicamente marcada por desigualdades, violências simbólicas e exclusões. Portanto, refletir sobre sua participação exige uma compreensão crítica dos processos sociais que impactam suas vidas e das formas como podem ser protagonistas de suas próprias histórias (Bento, 2012).

Além disso, é fundamental destacar que a criança negra não vive em uma infância única e homogênea. Pelo contrário, existem múltiplas infâncias que refletem as diversas experiências sociais, culturais, econômicas e raciais coexistentes no Brasil. Essas infâncias são marcadas pela interseccionalidade, em que raça, classe, gênero e território se entrecruzam para moldar diferentes formas de ser criança (Gomes, 2023).

A teoria sociológica da infância, conforme discutida por autores como Maia (2020), Sarmiento (2009) e Corsaro (2011), nos ajuda a compreender que a infância é uma construção social. Isso significa que as crianças, longe de serem apenas passivas ou receptivas aos contextos em que vivem, são agentes ativos que produzem cultura e influenciam os espaços ao seu redor. No entanto, ao tratarmos da criança negra, é crucial considerar a especificidade de suas vivências, que incluem tanto as lutas contra o racismo quanto o acesso limitado a espaços de poder e visibilidade (Maia, 2020; Sarmiento, 2009; Corsaro, 2011).

Autores brasileiros, como Nilma Lino Gomes, relatam que as crianças negras enfrentam um processo de invisibilidade nas escolas e nos espaços públicos. Elas frequentemente não encontram referências positivas sobre si mesmas nas narrativas culturais, nos currículos

**Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.**  
**Revista Diálogos Interdisciplinares - GEFPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024**





escolares ou mesmo nos brinquedos que utilizam. Essa invisibilização não apenas afeta o desenvolvimento de sua autoestima, mas também compromete sua capacidade de se reconhecer como sujeito de direitos (Gomes, 2023).

Diante desse cenário, é essencial que a prática educacional e social voltada para as crianças negras seja concebida como uma prática antirracista e decolonial, que valorize suas vivências e ofereça referências positivas. Em vez de uma educação baseada em um ideal universalizado e eurocêntrico de infância, é necessário adotar um currículo plural e inclusivo, que traga representações da negritude em toda sua diversidade e beleza (Gomes, 2023).

Nesse contexto, a pedagogia deve partir da escuta ativa das crianças, visto que uma educação comprometida com a participação infantil precisa criar espaços nos quais as crianças possam expressar suas opiniões, falar sobre suas realidades e contribuir para a construção coletiva do conhecimento. A perspectiva de Paulo Freire sobre o diálogo ganha, aqui, especial relevância, pois é por meio do diálogo que se estabelece a verdadeira participação democrática (Freire, 2002).

As crianças negras, portanto, devem ser vistas como protagonistas de suas próprias vidas, e não como vítimas passivas do racismo. Autores como bell hooks e Grada Kilomba, em diálogo com a educação e a pedagogia crítica, destacam a importância de criar espaços que afirmem a identidade negra e a cultura afro-brasileira. Uma educação libertadora é aquela que constrói o autoconhecimento e fortalece a dignidade das crianças, oferecendo-lhes ferramentas para questionar, resistir e transformar as estruturas opressoras ainda presentes na sociedade (Hooks, 2013; Kilomba, 2019).

Assim, para articular teoria e prática na promoção da participação infantil de crianças negras, é necessário combinar uma compreensão crítica do contexto social com ações concretas que promovam a equidade. A teoria possibilita identificar as barreiras históricas, estruturais e culturais que dificultam a plena participação dessas crianças, enquanto a prática deve assumir o compromisso de transformar esses contextos por meio de uma pedagogia que combata o racismo e a exclusão.

Por fim, uma prática educacional que realmente valorize a participação da criança negra deve ser reflexiva e estar em constante diálogo com a teoria. Ela precisa comprometer-se com uma educação que não reproduza hierarquias raciais, mas que valorize, respeite e dignifique a vida negra desde a infância.



#### **4. LITERATURA INFANTIL COM PROTAGONISMO NEGRO: uma educação antirracista**

O racismo permeia todas as camadas da sociedade, buscando constantemente silenciar as lutas, apagar as identidades e minimizar os legados das pessoas negras nos campos da cultura, arte, educação e outros. Por isso, é fundamental ensinar às crianças, desde cedo, o que é racismo e como enfrentá-lo. Entretanto, essa educação deve ser abordada de diferentes maneiras, entre elas a inclusão de literatura com protagonistas negros nas escolas, visto que a presença de personagens negros nas histórias infantis não apenas enriquece o currículo escolar, mas também promove uma visão mais ampla e inclusiva do mundo.

No entanto, a implementação da literatura infantil negra nas escolas enfrenta diversos desafios, que vão desde questões institucionais e curriculares até resistências culturais e carência de recursos. Isso porque há uma resistência cultural, frequentemente alimentada por preconceitos, que dificulta a aceitação e integração dessa literatura. Essa resistência pode partir tanto de educadores quanto de pais e gestores escolares, que muitas vezes desconhecem a importância da diversidade na literatura. Sobre esse tema, Dantas (2016) observa que preconceitos e a falta de entendimento sobre o valor cultural e educacional da literatura negra frequentemente levam à exclusão dessas obras dos ambientes escolares.

Outro obstáculo relevante é a falta de recursos e de formação específica para os educadores. Muitas escolas não dispõem de uma ampla variedade de livros de literatura infantil negra, e os professores frequentemente carecem de capacitação para integrar essas obras de maneira eficaz em suas práticas pedagógicas. De acordo com Silva (2021), a ausência de formação docente e de materiais adequados constitui uma barreira significativa para a inclusão efetiva da literatura negra nas salas de aula. Além disso, a carência de políticas públicas e de incentivos destinados a promover essa literatura limita ainda mais sua presença nas escolas.

Dessa forma, sem diretrizes e apoio institucional claros, a inclusão da literatura infantil negra pode facilmente ser negligenciada. Araújo e Oliveira (2018) destacam que a falta de políticas específicas e de incentivos voltados à diversidade na literatura infantil contribui para a manutenção de currículos homogêneos e pouco inclusivos.

A falta de apoio das famílias e da comunidade escolar também se apresenta como um desafio considerável. Quando pais e membros da comunidade escolar não reconhecem a importância da literatura infantil negra, a pressão para que as escolas adotem esses livros é reduzida. Souza (2019) ressalta que o envolvimento das famílias e da comunidade é essencial



para a inclusão da literatura negra, e a ausência desse apoio enfraquece os esforços para diversificar o currículo.

Considerando esses desafios, é evidente que a escola, como reflexo da sociedade, pode tanto reproduzir quanto reforçar o preconceito e a discriminação presentes na realidade social. Por isso, a escola deve ser um espaço central para enfrentar e desconstruir o racismo. Ignorar as desigualdades e os privilégios entre diferentes grupos sociais fortalece as disparidades étnico-raciais e obscurece a importância de ações que promovam a igualdade racial, além de minimizar a rica trajetória e a contribuição das pessoas negras para a formação da sociedade (Gomes, 2005).

Para aprofundar essa discussão, é essencial compreender o conceito de "protagonismo" e sua relevância na literatura infantil. O termo, originado do grego *prōtagōnistēs*, que significa "primeiro lutador ou competidor", refere-se a um papel de destaque e liderança (Estefogo, 2021). Assim, a inclusão de personagens negros como protagonistas nas histórias infantis valoriza a etnia negra e promove uma representação mais positiva e inclusiva dessa identidade para as crianças.

Diversos estudos abordam essa temática. Por exemplo, o artigo "Protagonismo negro na literatura infantil: por uma abordagem antirracista do texto literário", de Silva e Accorsi (2021), propõe uma reflexão sobre o ensino da literatura com foco nas relações étnico-raciais na Educação Infantil. Dutra (2017), em *O protagonismo negro nos contos de fadas modernos*, analisa a importância de narrativas contemporâneas com protagonistas negros para a construção de uma educação antirracista e para a formação de uma sociedade mais justa. Por outro lado, Peres et al. (2012) argumentam que os contos de fadas clássicos, geralmente pautados por uma visão eurocêntrica, reforçam estereótipos negativos ao sustentar ideais de raça branca.

Nesse contexto, Munanga (2005) alerta que, ao adotar um currículo fundamentado exclusivamente em epistemologias europeias, a escola reforça uma visão de mundo que exclui e inferioriza os grupos historicamente marginalizados. Essa prática, por sua vez, perpetua a discriminação contra estudantes negros e suas famílias, evidenciando a necessidade de repensar o currículo escolar.

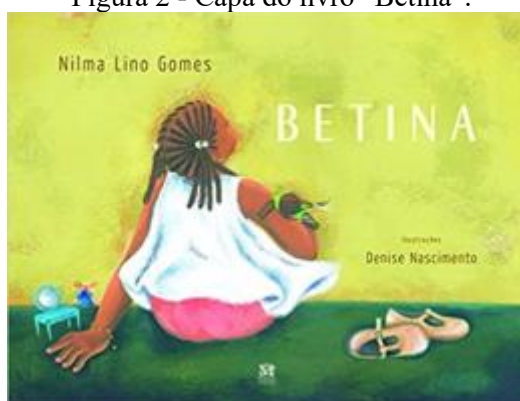
Destarte, a representatividade na literatura infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento da identidade e da autoestima das crianças, considerando que as obras destinadas ao público infantil devem refletir a diversidade étnico-racial da sociedade.

Nos últimos anos, leis como a 11.645/08 têm incentivado a produção de livros infantis com protagonistas negros. Contudo, a presença desses personagens, por si só, não garante a

promoção da igualdade racial, podendo até mesmo reforçar o racismo estrutural, caso não seja acompanhada de uma postura crítica e antirracista (Ramos, 2021). Assim, a introdução de livros infantis com protagonistas negros deve ser pautada por uma análise cuidadosa, garantindo que esses materiais realmente contribuam para a construção de uma educação antirracista e para a valorização das identidades negras. Nesse sentido, optou-se por analisar a obra *Betina*, de Nilma Lino Gomes, conforme será discutido a seguir.

## 5. ANÁLISE DO LIVRO “BETINA”

Figura 2 - Capa do livro “Betina”.



Fonte: Google imagens

Entre algumas obras infantis, optou-se pela análise de *Betina*, de Nilma Lino Gomes, em razão de a protagonista ser uma menina negra que precisa aprender a re(e)sistir a duas formas de discriminação cotidiana: por ser menina e por ser negra.

A autora do livro, Nilma Lino Gomes, é uma educadora e pesquisadora renomada na área de relações raciais e educação. Por essa razão, utiliza uma linguagem acessível e poética para construir uma narrativa que sensibiliza e educa. *Betina*, assim, pode ser empregado em ambientes escolares como uma ferramenta para promover debates sobre preconceito, respeito às diferenças, a importância da diversidade étnico-racial e, sobretudo, sobre a estética negra feminina.

A narrativa gira em torno de Betina, uma menina negra que, sob a influência de sua avó, encontra formas de enfrentar o preconceito e valorizar sua identidade afro-brasileira. A história é contada de maneira simples e direta, mas carrega significados profundos que ecoam positivamente tanto entre crianças quanto entre adultos. Dessa forma, o livro *Betina* é uma obra voltada ao público infantil que aborda, de maneira sensível e poderosa, questões como identidade racial, ancestralidade, construção de autoestima positiva e os desafios enfrentados por meninas negras devido aos cabelos crespos.



Essa questão é particularmente marcante para meninas negras, pois muitos meninos negros optam por raspar os cabelos, o que os impede de lidar diretamente com a discriminação associada ao cabelo crespo que as meninas enfrentam.

Ao longo da narrativa, Betina, uma menina negra que tem os cabelos penteados pela avó, começa a ouvir comentários negativos sobre seu cabelo crespo na escola. O texto ganha relevância ao abordar essas experiências de maneira delicada, destacando o papel da família, da ancestralidade e da autoestima na superação do racismo e da valorização da identidade negra.

Ao refletir a realidade vivida por muitas meninas negras que, como Betina, frequentemente enfrentam comentários depreciativos sobre seus cabelos, percebe-se que o cabelo, nesse contexto, se torna um elemento usado pela sociedade para definir e estereotipar pessoas negras. Para essas meninas, o cabelo crespo possui um significado que vai além da estética: ele é uma expressão de identidade, história e resistência. Desde cedo, essas crianças são expostas a padrões de beleza que não contemplam suas características, como o cabelo crespo, e o ambiente escolar pode reforçar tais padrões, especialmente quando privilegia exclusivamente contos com protagonismo eurocentrado.

Estudos sobre identidade racial e autoestima mostram que o reconhecimento e a valorização de traços físicos e culturais, como o cabelo crespo, desempenham um papel central no desenvolvimento positivo da identidade de meninas negras (Campos, 2016; Gomes, 2006). Na obra analisada, o cabelo crespo é frequentemente associado, de maneira positiva, a traços históricos e culturais que remetem à ancestralidade africana. A protagonista tem seus cabelos trançados pela avó, que, durante o processo, compartilha histórias sobre o povo negro, além de elementos da cultura africana e afro-brasileira. Essa experiência não apenas fortalece o vínculo familiar, mas também proporciona à menina uma consciência de sua identidade e de sua herança cultural. Estudos indicam que a infância é um período crucial para a formação da identidade racial, e a valorização do cabelo crespo nessa fase contribui significativamente para a construção da autoestima de meninas negras (Carneiro, 2005).

Apesar desses aspectos positivos, os estereótipos negativos relacionados ao cabelo afro ainda são comuns, o que torna essencial criar espaços de acolhimento e valorização, onde crianças negras possam se sentir representadas e seguras em relação às suas características. Nesse sentido, a leitura e a contação de histórias infantis com protagonismo negro surgem como poderosas ferramentas de luta antirracista e fortalecimento da autoestima dessas crianças.

No caso do livro, a protagonista, com o apoio de sua avó, aprende a apreciar e valorizar suas características, especialmente o cabelo, que passa a simbolizar sua identidade e força. Esse



enredo funciona como uma metáfora da resistência negra, incentivando o leitor a valorizar as diferenças e a compreender que identidade e autoestima são fundamentais para a formação de meninas negras mais seguras e autônomas. Além disso, a autora explora o impacto das microagressões raciais na infância e destaca a importância do apoio familiar e comunitário na construção de uma identidade positiva.

Outrossim, a obra ilustra de forma pedagógica o impacto positivo que a valorização do próprio cabelo pode ter na autoestima de uma menina negra. Na narrativa, a personagem aprende a amar e valorizar seu cabelo crespo, tornando-se, na vida adulta, uma referência em sua profissão como trançista. Dessa forma, a história rompe com expectativas sociais e estereótipos que desvalorizam e restringem mulheres negras a espaços de subserviência. A representatividade que emerge desse tipo de narrativa é poderosa, fortalecendo a identidade de crianças negras e capacitando-as a resistir aos preconceitos e às imposições externas de padrões estéticos eurocêntricos.

Assim, a narrativa de *Betina* é construída com simplicidade, mas aborda temas de profunda relevância. A autora combina recursos visuais, por meio de belíssimas ilustrações, para exemplificar o processo de autoaceitação da protagonista, destacando questões de empoderamento e valorização da ancestralidade negra. Dessa maneira, ao aceitar e amar seu cabelo crespo, Betina afirma sua identidade e rompe com estereótipos raciais negativos, criando um espaço onde meninas negras podem se sentir fortalecidas em relação aos próprios corpos e compreendidas em suas angústias e lutas cotidianas por aceitação.

Ademais, *Betina* incentiva a reflexão sobre a importância da representatividade na literatura infantil e o papel fundamental dessa literatura na construção de identidades. Ao introduzir uma menina negra como protagonista, Nilma Lino Gomes contribui para a pluralidade de representações, aspecto essencial para o desenvolvimento de uma sociedade que valoriza as diferenças.

Por conseguinte, o ambiente escolar desempenha um papel fundamental na formação da identidade e da autoestima das crianças, funcionando como um espaço de socialização e aprendizado. Estudos indicam que o contato com a diversidade e a adoção de práticas pedagógicas inclusivas são essenciais para a construção de uma autoimagem positiva entre crianças negras e para fomentar o respeito entre crianças não negras (Silva, 2018). Desse modo, quando a escola valoriza a cultura afro-brasileira e promove discussões sobre diversidade, os alunos negros, especialmente as meninas, encontram um ambiente mais seguro e acolhedor, o que facilita o reconhecimento e a valorização de características como o cabelo crespo.





Por fim, para muitas meninas negras, o cabelo crespo é um símbolo de resistência e empoderamento, mas também de luta. Conforme Silva (2015) aponta, a representatividade e a aceitação de características naturais, como o cabelo afro, são fundamentais para o desenvolvimento de uma autoestima saudável. Assim, quando as meninas negras aprendem a valorizar seu cabelo crespo desde a infância, elas constroem uma imagem positiva de si mesmas, o que as ajuda a resistir aos impactos psicológicos negativos do racismo e da discriminação. A leitura de *Betina* promove essa construção de forma alegre, leve e transformadora.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção deste artigo, percebeu-se que a situação da infância nos remete a uma realidade paradoxal: por um lado, a infância é vista globalmente como o período mais feliz, puro e protegido da jornada humana; por outro lado, as infâncias de crianças negras, muitas vezes, são negligenciadas, sendo estas confrontadas, desde cedo, com uma sociedade em que o racismo é estrutural e perverso.

Nesse contexto, este artigo teve como objetivo analisar o papel e a importância da literatura infantil com protagonismo negro na educação de crianças pretas e pardas, como forma de a escola acolher essas crianças, que estão suscetíveis a pressões exercidas por crenças depreciativas e atitudes discriminatórias, muitas vezes em função de seus fenótipos negros.

Para tanto, foi realizado, inicialmente, um histórico sobre as concepções de infância ao longo dos anos, visto que essa noção é moldada por uma complexa interação de fatores culturais, econômicos e científicos. Desde a visão da infância como uma fase de preparação para a vida adulta até a valorização contemporânea dos direitos e do desenvolvimento integral da criança, essas mudanças refletem a evolução da sociedade e suas prioridades.

No Brasil, a visão sobre a infância também tem evoluído ao longo dos séculos, acompanhando transformações culturais, sociais e políticas. De uma abordagem inicialmente pragmática e econômica, o país passou a valorizar os direitos e o desenvolvimento integral da criança, reconhecendo a infância como uma fase crucial da vida.

Entretanto, a trajetória das crianças negras no Brasil é marcada por uma história de luta e resistência diante das adversidades impostas por um sistema social e econômico desigual. Desde o período da escravidão até os dias atuais, essas crianças enfrentam inúmeros desafios que demandam atenção contínua e ações concretas. O reconhecimento histórico dessas



condições e a análise crítica de seus impactos são essenciais para promover uma infância mais justa e igualitária para todas as crianças.

A participação das crianças negras na sociedade contemporânea requer um esforço coletivo que una teoria e prática por meio de uma abordagem crítica e inclusiva. É fundamental que as infâncias negras sejam respeitadas e representadas de forma justa, garantindo que as crianças possam se reconhecer positivamente no mundo ao seu redor. Para isso, é indispensável que a educação e a sociedade como um todo se abram para novas narrativas, incluindo as vozes dessas crianças e tratando-as como protagonistas de suas próprias histórias. Apenas assim será possível caminhar em direção a uma sociedade mais equitativa e antirracista.

Constatou-se, ainda, que a implementação da Lei 11.645/08, que torna obrigatória a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, constitui uma ferramenta valiosa para que crianças negras vejam sua identidade valorizada na escola. Por meio de literatura infantil que apresenta personagens negros e representações positivas de características negras, como no livro *Betina*, de Nilma Lino Gomes, essas crianças têm a oportunidade de se identificar com os personagens e de se orgulhar de sua ancestralidade africana e de seus fenótipos.

Dessa maneira, a presença de livros e materiais que representem positivamente o cabelo crespo é um recurso pedagógico essencial para combater o preconceito e promover a aceitação de formas estéticas que fogem ao padrão eurocêntrico. A literatura infantil com protagonismo negro, aliada à implementação de políticas educacionais que valorizem a diversidade, é crucial para assegurar que meninas e meninos negros cresçam com autoestima e orgulho de sua identidade racial, contribuindo para a construção de uma autoimagem positiva.

Nesse sentido, verificou-se que a literatura infantil com protagonismo negro desempenha um papel central na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, impactando positivamente tanto crianças negras quanto brancas. Para as crianças negras, esses livros oferecem representatividade, permitindo que se vejam refletidas em personagens que compartilham suas experiências e realidades, fortalecendo sua autoestima e contribuindo para uma identidade mais confiante.

Para as crianças brancas, a exposição a livros com protagonistas negros é igualmente relevante, pois amplia horizontes e fomenta a empatia e a compreensão em relação às vivências e desafios enfrentados por pessoas de outras etnias. Ao conhecer histórias diversas, essas crianças desenvolvem uma consciência crítica sobre questões de racismo e desigualdade, o que pode transformar suas atitudes e comportamentos diante da diversidade. Esse processo



educativo é fundamental para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que ainda persistem na sociedade.

Além disso, a inclusão de livros com protagonismo negro no currículo escolar enriquece a experiência educacional, contribuindo para um ambiente mais inclusivo, respeitoso e, sobretudo, antirracista. As discussões geradas por essas obras podem fomentar debates importantes sobre identidade, cultura e diversidade, criando um espaço seguro para que todas as crianças expressem suas opiniões e reflexões.

Destarte, a presença de livros infantis com protagonistas negros nas escolas é uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais equitativa. Esses materiais não apenas valorizam a identidade das crianças negras, mas também educam crianças brancas sobre a importância da diversidade, preparando-as para conviver em um mundo plural e respeitoso, em que pessoas negras e não negras tenham igualdade de oportunidades e reconhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. (2015). Representações da infância negra na literatura infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, 20(60), 377-392. Disponível em:
- ARAÚJO, S. (2015). **Educação e diversidade étnico-racial: Políticas públicas e práticas escolares**. São Paulo: Editora Papirus.
- ARAUJO, L.; OLIVEIRA, T. **Políticas Públicas e Educação: A Inclusão da Diversidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.
- ARIÈS, P. (1962). **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Plon.
- ASSUNÇÃO, M. (2015). **História da infância no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez.
- BENTO, M.A.S. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. CEERT, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11645&ano=2008&ato=dc6QT561UNRpWTcd2>. Acesso em: 14 de set. de 2024.
- CAMPOS, A. F. **Cabelo Crespo e Identidade Negra na Infância**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural**. Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DANTAS, M. **Educação e Diversidade: Desafios e Perspectivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

DUTRA, A. da S.; DEBUS, E. S. D.. O protagonismo negro nos contos de fadas modernos. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 17, n. 1, p. 69–83, 2019. DOI: 10.5216/rpp.v17i1.56432.

DEMAUSE, L. (1974). **The History of Childhood**. New York: Psychohistory Press.

ESTEFOGO, F. Protagonistas (antagonistas e coadjuvantes) e empoderados: narrativas competitivas no ambiente escolar. **revistas.pucsp.br/esp**. v.42 n.2 – 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/search/search?query=Protagonistas+%28antagonistas+e+coadjuvantes%29+e+empoderados%3A+narrativas+competitivas+no+ambiente+escolar&dateFromYear=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateToYear=&dateToMonth=&dateToDay=&authors=>. Acesso em: 01 de nov. de 2024.

FERNANDES, C. (2001). **A psicologia do desenvolvimento e a educação infantil**. São Paulo: Editora Ática.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREUD, S. (1905). **Three Essays on the Theory of Sexuality**. Vienna: Franz Deuticke.

GOHN, M. G. (2012). **Políticas públicas e infância no Brasil: Uma análise das mudanças e continuidades**. São Paulo: Editora Loyola.

GOMES, J. M. (2004). **A infância e a juventude no Brasil colonial: A experiência dos escravizados**. São Paulo: Editora Hucitec

GOMES, N. L. **Betina**. São Paulo: Mazza, 2006.

GOMES, N. L. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: **MUNANGA, Kabengele (Org.) (2005). Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC, pp. 143-154

GOMES, N. L. (2012). **Educação e Relações Étnico-Raciais: A Construção da Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica.

GOMES, N. L.; ARAÚJO, M. de (orgs.) **Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p.

GONZALEZ, L. (1988). **A Resistência: A Formação da Identidade Negra**. São Paulo: Editora Cátedra.

GOUVEIA, M.C.S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjcgclcfndmkaj/https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 de set. de 2024.

**Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural**.  
**Revista Diálogos Interdisciplinares - GEFPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024**



HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LOCKE, J. (1693). **Some Thoughts Concerning Education**. London: Awnsham Churchill.

LOPES, M. (2011). **História social da infância no Brasil**: Entre o discurso e a prática. Rio de Janeiro: Editora FGV.

MACHADO, A. M. (2004). **Olhos de Saci**: O Cotidiano das Crianças Negras no Brasil. São Paulo: Editora Salamandra.

MAIA, J.N. Crianças pantaneiras: suas culturas reveladas por meio da fotografia em contexto escolar. v. 1 n. 8 (2020): **Revista Diálogos Interdisciplinares** – GEPPFIP. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/12348>. Acesso em: 15 de out. de 2024.

MAYHEW, H. (1851). **London Labour and the London Poor**. London: Griffin, Bohn, and Company.

MAZZOTTA, M. G. (2019). **Infância e desigualdades**: A luta por direitos no Brasil. São Paulo: Editora Cortez.

MELLO, A. F. (2012). **Políticas públicas e infância no Brasil**: Avanços e desafios. Brasília: Editora UnB.

MUNANGA, K. (1986). **O negro no Brasil**: História e crítica da exclusão social. São Paulo: Editora Ática.

MUNANGA, K.. (Org.) (2005). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC.

NASCIMENTO, S. L. (1999). **Educação e infância no Brasil**: Aspectos históricos e pedagógicos. Campinas: Papyrus Editora.

PERES, F. C. et al. A literatura infantil na formação da identidade da criança. In: **Revista Eletrônica Pró-Docência**. Ed. 1, v. 1, jan./jun., 2012.

PIAGET, J. (1952). **The Origins of Intelligence in Children**. New York: International Universities Press.

RAMOS, S. dos S. Problemas de uma literatura infantil negra. In: SILVA, Emãnuel Luiz Souza e; GUIMARÃES, Maristela Abadia; RAMOS, Samira dos Santos (Org.). **Fronteira plural**: tratado antirracista, representações e resistências em Mato Grosso. Curitiba: CRV, 2021. p. 231-247.

**Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural**.  
**Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP, Edição Especial**. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



REIS, J. J. (2003). **Feitos de resistência**: A trajetória da população negra no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG.

RIBEIRO, M. (2017). **Infância e desigualdades raciais no Brasil**: Uma análise crítica das políticas públicas. São Paulo: Editora Cortez.

ROCHA, R. (2012). **O Mundo das Crianças Negras**: Uma Reflexão sobre a Inclusão. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

ROUSSEAU, J.-J. (1762). **Emile, ou De l'éducation**. Amsterdam: Marc-Michel Rey.

SANTANA, P. M. de S. (2018). As pluralidades do ser criança no quilombo mato do tição-mg. revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (**ABPN**), 10(Ed. Especi), 66–87. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/530>

SARMENTO, M. J. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2009.

SILVA, M. A. (2007). **Direitos da criança e do adolescente**: Análise da legislação e políticas públicas. São Paulo: Editora Contexto.

SILVA, M. L. (2009). **O negro e a educação no Brasil**: Desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Cortez.

SILVA, A. G. (2013). **Direitos humanos e a infância negra**: Avanços e desafios. Brasília: Editora UnB.

SILVA, K. S. E e BUENO ACCORSI, A.M. (2021). Protagonismo negro na literatura infantil: por uma abordagem antirracista do texto literário. Revista Eletrônica Científica Da UERGS , 7(3), 275–283. <https://doi.org/10.21674/2448-0479.73.275-283>

SILVA, C. **Literatura Infantil e Formação de Educadores**: Desafios e Oportunidades. São Paulo: Editora Papirus, 2021.

SILVA, M. F.. **Educação, Identidade e Resistência**: A Importância da Representatividade Negra na Escola. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2018.

SOUZA, A. **Literatura e Comunidade**: O Papel das Famílias na Educação Literária. Fortaleza: Editora UFC, 2019.

SOUZA, A. C. (2020). **Desafios da infância negra no Brasil contemporâneo**: Entre a invisibilidade e a resistência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

UNITED NATIONS. (1989). **Convention on the Rights of the Child**. New York: United Nations.

VALENTIN, S. dos S. Crianças escravas no Brasil Colônia. **Educ. Ver.**, Belo Horizonte (11): 30-38, jul. de 1990. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkpkajpegclclefindmkaj/http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n11/n11a04.pdf>. Acesso em: 16 de out. de 2024.

**Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.**  
**Revista Diálogos Interdisciplinares - GEFPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024**